



Acção para o Desenvolvimento

C.P. 606 BISSAU – GUINÉ BISSAU

TEL(+245) 6313766/5108209 E-mail: ad.gbissau@gmail.com



Nota de imprensa

Desmatações, “boca di morcegu” e ébola

O facto de não ter havido epidemia de ébola no país até ao momento, não significa por si só, que o país está ao abrigo. Os técnicos da Direção-Geral da Saúde Pública e do Instituto Nacional da Saúde Pública (INASA) insistem que todas as pessoas residentes ou de passagem pela Guiné-Bissau apliquem as medidas de prevenção preconizadas pelas autoridades sanitárias nacionais e internacionais. De acordo com Abílio Có, sociólogo do INASA, na base da prevenção estão mudanças de rotinas e de comportamentos de risco.

Está provado que o vírus do ébola tem a sua origem em animais selvagens. Em primeiro lugar, o morcego frugívoro (i. e. que se alimenta de frutas) e os primatas não-humanos (chimpanzés, macacos). Uma pessoa contaminada através do contacto com um desses animais infetados, seja pela sua carne ou pelos seus fluidos, os animais domésticos, a água ou alimentos por eles infetados, pode contaminar outras pessoas e desencadear assim uma epidemia.



Segundo Daniel Bausch e Lara Schwarz da Universidade de Tulana e Bruce A. Wilcox e Brett Ellis da Universidade de Hawai e outros especialistas a nível mundial, a origem da doença do ébola está no contacto cada vez maior entre o Homem e os animais selvagens portadores do vírus. O mesmo acontece com outras doenças infecciosas tropicais. Por isso **os cientistas não têm dúvidas de que a prevenção da**

epidemia do ébola passa também pela proibição da destruição massivas das florestas.

Tanto na África Central como na África Ocidental, incluindo a Guiné-Bissau, os contactos entre os seres humanos e a fauna selvagem têm aumentado drasticamente nos últimos anos.

A causa principal desses contactos é o corte massivo, abusivo e desordenado de árvores para madeira, que tem destruído o habitat natural da fauna selvagem, obrigando-a a aproximar-se das povoações humanas.



A outra causa é a penetração cada vez maior do Homem nas florestas à procura de carne de caça, lenha e outros produtos sem respeitar as leis, as regras de conservação florestal nem a proibição da caça e da comercialização de primatas não-humanos, entre os quais o chimpanzé, espécie protegida na Guiné-Bissau.

O epicentro da atual epidemia do ébola na África Ocidental é Guéckédou, na Guiné-Conakry, onde a floresta foi devastada pela exploração desenfreada da madeira. De Guéckédou, a doença espalhou-se para o resto do país, tendo-se propagado pelos países vizinhos, com as terríveis consequências que se conhecem. Elisabeth Schneiter, da Reporterre, considera que a primeira pessoa contaminada com o vírus do ébola na Guiné-Conakry tenha sido um rapaz de dois anos, que teria consumido frutas contaminadas pelo morcego.

Na Guiné-Bissau, as frutas mordidas por morcegos são conhecidas por “boca di catchu” ou “boca di morcego” são as mais doces e por isso, preferidas pelas crianças e adolescentes. As mulheres que apanham o cajú para o fabrico de vinho e coletar a castanha, entram em contacto com os “boca di morcego”. A cadeia de contaminação pode ir, naturalmente, até aos consumidores do vinho de cajú. Existem ainda os animais domésticos que também comem os “boca di morcego” e que são consumidos pelo Homem. E de supor que qualquer dessas frutas que tiverem sido mordidas por morcegos contaminados são vectores do vírus do ébola.

Jean-Pierre Umpesa, especialista do INASA em matéria de comunicação na área da saúde incluiu no pacote de medidas preventivas imediatas da doença do ébola, o não consumo das frutas “boca di morcego”. Umpesa falava num Seminário sobre *Prevenção do Ébola nas Escolas de Verificação Ambiental* co-organizado pela AD, a Direção-Geral da Saúde Pública, o INASA e a UICN em São Domingos nos dias 20 e 21 de Fevereiro de 2015.



Insistiu veementemente que, estando a grande estação do cajú e do mango prestes a começar, **é essencial que as populações ganhem consciência do perigo que constituem as frutas “boca di catchu” ou “boca di morcego”, agindo em conformidade.** Os professores, técnicos de saúde, comunicadores sociais e outros líderes de opinião, podem contribuir de modo determinante na mobilização das populações, e assim evitar o consumo ou o contacto com frutas **“boca di catchu” ou “boca di morcego”**.

Para mais informações, é favor contactar José Filipe Fonseca, da AD, por email (zefilipefonseca@gmail.com) ou telefone (588 19 62).